



Trinta anos de *Feliz ano velho*: Marcelo Rubens Paiva e os anos de chumbo

Darlan Roberto dos Santos*

“Eu sou a lembrança do terror
De uma revolução de merda
De generais e de um exército de merda
Não, nunca poderemos esquecer
Nem devemos perdoar
Eu não anistiei ninguém
Abra os olhos e o coração
Estejamos alertas
Porque o terror continua
Só mudou de cheiro
E de uniforme”.

Renato Russo

Entre as múltiplas veredas literárias que se desenvolvem na contemporaneidade, a autobiografia é emblemática, já que se presta, concomitantemente, à interpretação de vidas particulares, servindo, ainda, ao desvendamento de períodos históricos e de grupos sociais, inclusive, aqueles considerados marginalizados.

Classificada genericamente como “relato retrospectivo em prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, dando ênfase à sua vida individual e, em particular, à história de sua

* Professor da Faculdade Santa Rita e da Fundação Presidente Antônio Carlos – Conselheiro Lafaiete/MG.

personalidade” (Lejeune: 1994, 50),^{1*} a escrita de si apresenta, simultaneamente, contornos psicológicos e um cunho sociopolítico, representado pela busca de expressão na sociedade. Do ponto de vista anímico, revelar o próprio tempo pretérito corresponde a uma espécie de “autoanálise”. É como se, ao debruçar-se sobre o passado, o escritor estivesse registrando a sua superação. Vencida essa etapa da vida, caberia ao autor perpetuá-la, à sua maneira; mais até: rememorar o caminho através do qual ele acredita ter sido forjada a sua personalidade, o seu “eu” atual.

Quanto ao “valor textual” da autobiografia, este extrapola o âmbito literário, já que representa uma investigação do passado, prestando-se a múltiplas reflexões, inclusive, no que tange à história de uma coletividade. Em seu prefácio para *Teses “Sobre o conceito de história”*, de Walter Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin aborda a questão, tomando, como paradigma, a obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust:²

A grandeza das lembranças proustianas não vem de seu conteúdo, pois a bem da verdade a vida burguesa nunca é assim tão interessante. O golpe de gênio de Proust está em não ter escrito “memórias”, mas, justamente, uma “busca”, uma busca das analogias e das semelhanças entre o passado e o presente. Proust não reencontra o passado em si – que talvez fosse bastante inosso –,

¹ *Textos em francês e em espanhol, citados ao longo do artigo, traduzidos pelo autor do artigo.

² A obra de Marcel Proust não se encaixa propriamente no gênero autobiográfico. No entanto, seu teor, especialmente em relação às lembranças e à abordagem do tempo pretérito, serve a este ponto da análise.

mas a presença do passado no presente e o presente que já está lá, prefigurado no passado, ou seja, uma semelhança profunda, mais forte do que o tempo que passa e que se esvai sem que possamos segurá-lo. A tarefa do escritor não é, portanto, simplesmente relembrar os acontecimentos, mas “subtraí-los às contingências do tempo em uma metáfora” (Gagnebin apud Benjamin: 1986, 10).

Similarmente a Jeanne Marie Gagnebin, que destacou, como mérito da obra de Proust, não o teor de sua narrativa, mas as reflexões contidas no texto do célebre escritor, salientamos, no presente artigo, as fulgurações acerca do passado e as especulações sobre o futuro que apreendemos em *Feliz ano velho*, obra inaugural do escritor Marcelo Rubens Paiva, objeto de nosso estudo.

Acreditamos que, a exemplo de Proust – guardadas as devidas proporções e especificidades –, Paiva foi bem sucedido ao criar uma obra que sobreviveu ao tempo. Em 2012, quando se completam 30 anos do lançamento de *Feliz ano velho*, entendemos que se torna oportuno revisitar a autobiografia em questão, já que o tempo decorrido pode nos ser útil, em uma discussão mais isenta, liberta de toda a comoção gerada pela tragédia pessoal do autor, e do período histórico correspondente (a ditadura militar). Neste debate proposto, será evidenciada a dicotomia da escrita íntima, sob os aspectos de “desvendamento do autobiografado” e representatividade de um controverso período de nossa história.

Trauma e testemunho

Publicado em 1982, quando Marcelo Rubens Paiva tinha apenas 22 anos, *Feliz ano velho* marca o ingresso do autor em

uma nova etapa da vida, pontuada pela fatalidade: no dia 14 de dezembro de 1979, o jovem fica paraplégico, em decorrência de um salto em uma lagoa, no qual fere irreversivelmente uma das vértebras.

Tal fato remete-nos a teorias acerca da autobiografia, que mencionam a necessidade de um elemento desencadeador da escrita, conforme explica Wander Melo Miranda, ao afirmar que “parece não haver motivo suficiente para uma autobiografia, se não houver uma intervenção, na existência anterior do indivíduo, de uma mudança ou transformação radical que a impulsione ou justifique” (Miranda: 1992, 31).

No caso de Paiva, o autoexame parece ter sido motivado pelo acidente que o deixou sem o movimento das pernas. Tal evento traz à tona outro drama, o da dor pela perda do pai, o desaparecido político Rubens Paiva, ex-deputado federal e ferrenho opositor do regime ditatorial.

Fatos cruciais são frequentemente repetidos na narração, que se configura como um mosaico de acontecimentos, que busca reconstruir a história do narrador-personagem, salvando-o do esquecimento. Neste sentido, Seligmann-Silva nos fala sobre algumas funções da narrativa de si mesmo; o ataque ao “inimigo” e a rememoração dos mortos:

(A narrativa) abrange tanto a denúncia da barbárie e das atrocidades por ele (o inimigo) cometidas como a reconstituição do rosto desfigurado dos mortos, os quais tentaram, no passado, construir uma vida diversa da do atual presente. Narrar as ruínas dessa tentativa é um modo de atualizá-las (Seligmann-Silva: 2001, 366).

A autobiografia, portanto, realiza a tarefa de cultuar os mortos, e também atualiza o que, em outro tempo, foi motivo de dor, alegria ou afeto – aquilo que, no passado, *afetou* o escritor, de tal maneira pungente, que o mobilizou a registrar sua história em texto.

Diante de acontecimentos de grande magnitude, como aqueles vividos por Marcelo Rubens Paiva, o testemunho caracteriza-se tanto pela narração dos fatos traumáticos como pelo relato do processo de seu enfrentamento. Afinal, como ressalta Freud:

Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. Ao mesmo tempo, o princípio do prazer é momentaneamente posto fora de ação. Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulos; em vez disso, outro problema surge, problema de dominar as quantidades de estímulo que irromperam, e de vinculá-las, no sentido psíquico, a fim de que delas se possa então desvencilhar (Freud: 1996, 40).

A autobiografia seria, portanto, uma tentativa de dominar os estímulos provenientes dos traumas. Valendo-se das considerações de Freud acerca do trauma e da elaboração deste através da escrita, Seligmann-Silva completa:

A linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que não foi submetido a uma forma no ato da sua recepção. Daí Freud destacar a repetição constante, alucinatória, por parte do “traumatizado”, da cena violenta: a história do trauma é a história de um choque vio-

lento, mas também de um desencontro com o real. (Em grego, vale lembrar, “trauma” significa ferida.) A incapacidade de simbolizar o choque – o acaso que surge com a face da morte e do inimaginável – determina a repetição e a constante “posterioridade”, ou seja, a volta *après-coup* da cena (Seligmann-Silva: 2003, 48).

Em *Feliz ano velho*, a cena recorrente é a do salto na lagoa, que vitimou Marcelo Rubens Paiva e obriga-o a manter-se preso a uma cama de hospital e, posteriormente, à cadeira de rodas. A narração desse episódio está na abertura e no fechamento do livro, além de ser citada em outros momentos do relato, sempre num tom de arrependimento: “Quantas vezes eu penso em voltar no tempo para segundos antes de me atirar naquele lago” (Paiva: 1982, 114).

Já o trauma decorrente do desaparecimento do pai, embora também corrobore para que *Feliz ano velho* seja considerada uma obra representativa da literatura do trauma, aproxima a escrita de Marcelo da literatura de testemunho. Isto porque o drama do escritor é também o drama experimentado por inúmeras famílias, perseguidas por conta da ditadura militar. Ao abrir espaço em sua autobiografia para o questionamento dos abusos cometidos durante o regime de exceção, o autor empreende o desafio de expurgar, através da palavra, a dramática realidade vivida no passado, não sem uma grande sensação de impotência diante dos tristes fatos:

Rubens Paiva não foi o único “desaparecido”. Há centenas de famílias na mesma situação: filhos que não sabem se são órfãos, mulheres que não sabem se são viúvas. Provavelmente, o homem que me ensinou a nadar está enterrado como indigente em algum cemitério do Rio. O que posso fazer? (Paiva: 1982, 65).

Nas palavras de Marcelo, a conjunção entre trauma e testemunho; rememoração de dramas pessoais e, concomitantemente, a exposição do sofrimento vivenciado por inúmeros outros brasileiros, nos chamados “anos de chumbo”. É, pois, a multiplicidade de casos similares, inerente ao momento histórico, que permite a identificação de tantos leitores com a obra juvenil de Paiva, e confere a ela uma importância, como escrita representativa de uma época. Embora, para muitos, o livro possa parecer incipiente, pela linguagem nada sofisticada e o enredo quase adolescente, o caráter de denúncia e desabafo de uma geração propiciam sua longevidade, encontrando, assim, espaço na literatura brasileira.

Literatura de cicatrizes

Para Aharon Appelfeld – autor de *Histoire d'une vie*, que também foi personagem de um período traumático, a Segunda Guerra Mundial, “tudo o que ocorreu foi tão gigantesco, tão inconcebível, que a própria testemunha via-se como uma inventora. O sentimento de que a sua experiência não pode ser contada, que ninguém pode entendê-la, talvez seja um dos piores que foram sentidos pelos sobreviventes após a guerra” (Appelfeld: 2004, 28).

Em parte, a dificuldade de transpor-se a experiência vivida para a linguagem – impasse recorrente, sempre que há o envolvimento de situações-limite – ocorre em virtude do apagamento, fruto de artimanhas da própria memória. Para quem passa por um trauma, o ato de narrar combina memória e esquecimento, um obnubilamento em relação aos fatos de outrora. O texto memorialístico nada mais é que um mecanismo de resistência à deslembração, um acerto de contas com o próprio pas-

sado e também um modo de se conciliar escrita e morte. Ambos se congraçam nas autobiografias, já que se prestam a preservar a memória, a recordar os mortos e “dar um túmulo a eles”. O “culto aos mortos”, aliás, também é tarefa primordial dos textos testemunhais.

A relação entre memória e morte é tão forte quanto a relação entre memória e catástrofe, desabamento. Seligmann-Silva reforça essa analogia:

Em português, note-se, fica acentuada a dialética íntima que liga o lembrar ao esquecer, se pensarmos na etimologia latina que deriva o “esquecer” de cadere, cair: o desmoronamento apaga a vida, as construções, mas também está na origem das ruínas – e das cicatrizes. A arte da memória, assim como a literatura de testemunho, é uma arte da leitura de cicatrizes (Seligmann-Silva: 2003, 56).

Quanto à dificuldade de se converter o real em simbólico (especialmente tratando-se de fatos trágicos), cabe ressaltar que nenhum evento é mais exemplar do que a guerra. Documentários realizados logo após a Segunda Guerra Mundial comprovavam a tese; extremamente realistas, eles despertavam no público um efeito inusitado: “as imagens eram reais demais para serem verdadeiras, elas criavam a sensação de descrédito nos espectadores. A saída para esse problema foi a passagem para o estético: a busca da voz correta” (Seligmann-Silva: 2003, 57).

A rememoração do holocausto e a literatura memorialística, de um modo geral, optam por um caminho diverso ao da historiografia tradicional, ao fazerem uso de elementos antes reserva-

dos à “ficção”, beirando, ocasionalmente, o onírico. Assim também ocorre com a literatura brasileira que remete à ditadura militar, e com a qual se relaciona a autobiografia de Marcelo Rubens Paiva. Em alguns momentos de seu texto, o autor deixa de lado o tom de revolta, abrindo espaço para a rememoração de fatos corriqueiros, em uma espécie de estratégia de resgate (menos doloroso) do passado:

No começo dos anos 70, ele (Rubens Paiva) viajava menos e estava bem caseiro, decididamente curtindo os filhos e a vida em família (um pouco também por não ter o que fazer politicamente). A maioria dos seus amigos estava no exílio, mas nos fins de semana ainda dava pra reunir a turma num jogo de pôquer. [...] Em volta, toda a nata do Partido Socialista Brasileiro, claro que torcendo pro mais fraco [...]. Já vivíamos o espírito carioca e, no domingo, íamos todos pra praia. Como minha casa ficava de frente pro Leblon, todos trocavam de roupa lá: um verdadeiro Estado Maior, a cúpula do Vasquinho, jornalistas e o que sobrou da cúpula do Governo Jango: Raul Rify, Valdir Pires, Bocaiúva Cunha, Fernando Gasparian, Flávio Rangel, Hélio Fernandes, José Aparecido. [...] A maior qualidade do Rio de Janeiro é que uma vez por semana a cidade fica absolutamente democrática. [...] Mesmo com ditadura, o carioca sabe usar o que tem de melhor: a praia (Paiva: 1982, 58-59).

A opção por uma narrativa que evoca pequenos prazeres (as partidas de pôquer, os passeios na praia) e a inclusão de cenas do cotidiano que primam pela simplicidade (o encontro com os amigos do pai) podem ser considerados artifícios, maneiras de se registrar uma época difícil, sob um prisma menos doloroso.

Aproximações entre a autobiografia e a história

Feliz ano velho é uma obra peculiar em vários aspectos. Além de marcar o ingresso de Marcelo Rubens Paiva na literatura, reflete o começo da conturbada transição política no Brasil, quando a iminência da redemocratização despertava nas pessoas um misto de euforia e dúvida. Marcelo, que tinha pouco mais de 20 anos de idade quando escreveu seu livro de estreia, participava, de certa forma, desse panorama. Filho do ex-deputado federal Rubens Paiva, ele era membro de entidades estudantis, quando ainda cursava Engenharia Agrícola, na Unicamp. Em 1979, tornou-se um dos primeiros afiliados do Partido dos Trabalhadores.

Todas essas referências estão presentes em *Feliz ano velho*, que extrapola a escrita íntima, abarcando reflexões acerca da história do país e de seus possíveis desdobramentos. Assim, a obra também se constitui como uma escrita da memória coletiva.

Beirando, muitas vezes, o teor panfletário, o autor cobra um “acerto de contas” com os “anos de chumbo” e rememora todo o drama decorrente da perseguição política a seu pai, que culminou com a prisão e o desaparecimento do ex-deputado. Esse é um dos eixos centrais do livro, em que a revolta pessoal mistura-se à indignação do ser político. De maneira emocionada, o acusador faz um apelo pela punição dos “réus”, a quem ele classifica de “gente tipo ‘o oficial loiro, de olhos azuis’, tipo Brigadeiro Burnier e tipo Médiçi” (Paiva: 1982, 66).

A primeira menção que Marcelo faz ao tema tem, como figura central, sua mãe, espécie de mártir que o escritor elege, num contraponto à crueldade do regime militar, foco de suas acusações: “O que minha mãe já passou na vida a fez ter essa cara de segurança em qualquer momento trágico” (Paiva: 1982, 31).

A partir daí, o crime levado a julgamento, através da autobiografia, vai sendo desvelado, centrando-se no contexto histórico do Brasil ditatorial. A principal vítima citada é Rubens Paiva, a quem é dedicada boa parte do texto, em uma retrospectiva dos fatos ocorridos por ocasião de seu desaparecimento:

No dia 20 de janeiro de 1971 era feriado no Rio, por isso dormi até mais tarde. De manhã, quando todos se preparavam para ir à praia (e eu dormindo), a casa foi invadida por seis militares à paisana, armados com metralhadoras. Enquanto minhas irmãs e as empregadas estavam sob mira, um deles, que parecia ser o chefe, deu uma ordem de prisão: meu pai deveria comparecer na Aeronáutica para prestar depoimento. Ordem escrita? Nenhuma. Motivo? Só deus sabe (Paiva: 1982, 60).

Posteriormente, o ex-deputado foi preso, levado pelos militares para um local não revelado, nunca mais tendo sido visto. O drama familiar estaria deflagrado, marcando, de forma irrefutável, a vida do garoto que viu seu pai ser retirado de casa, e teve de conviver com a dúvida em relação a seu paradeiro, além da abrupta mudança pela qual passou sua família:

Passei anos da minha vida sem saber se tinha ainda um pai ou não. Lembro-me até que, um dia, já morando em Santos, pensei ter ouvido minha irmã gritar “papai”. Saí correndo feito um louco, rodei pela casa toda, fui pra rua, procurei por todos os cantos, mas não o achei. [...] Sonhei centenas de vezes com meu pai chegando um dia. Mas foram sonhos. Quando viemos morar em São Paulo, três anos depois, já estava conformado com o fato de que realmente eu era órfão (Paiva: 1982, 64).

O próprio autor considera-se vítima do sistema, o que o leva a adotar uma postura de revolta e intenso comprometimento com o caso levado a público. Ele deixa isso claro em seu discurso, no qual parece reivindicar a punição dos culpados em seu próprio nome, em nome de outras “vítimas” e em nome do país:

Vou usar um velho chavão, mas é verdade que não é matando um corpo que se elimina um homem. Rubens Paiva está vivo em muitas pessoas. Um homem querido, respeitado. Um homem que não temeu nada. O contrário de quem o matou. Imagine as noites da pessoa que um dia colocou um senhor de quarenta anos e pai de cinco crianças num pau-de-arara, dando uma descarga elétrica naquele corpo... (Paiva: 1982, 65).

Ao manifestar-se não somente como porta-voz de si mesmo, mas, de toda uma geração, perseguida pelo totalitarismo, Marcelo Rubens Paiva permite que vislumbremos traços da trajetória nacional pelo viés de sua autobiografia.

A maneira como o escritor elabora seu texto, assumindo ainda o lócus de acusador frente ao *status quo*, também nos permite colocá-lo na fronteira entre memorialismo e autobiografia. Na verdade, são linhas tênues que separam tais classificações. A esse respeito, Wander Melo Miranda nos diz:

Mesmo se se consideram as memórias como a narrativa do que foi visto ou escutado, feito ou dito, e a autobiografia como o relato do que o indivíduo foi, a distinção entre ambas não se mantém muito nítida. O mais comum é a interpenetração dessas duas esferas e, quase sempre, a tentativa de dissociá-las é devida a cri-

térios meramente subjetivos ou, quando muito, serve de recurso metodológico (Miranda: 1992, 36).

A simbiose entre os dois tipos de narrativa dá-se porque é impossível, para qualquer autor, restringir sua escrita exclusivamente à focalização do “eu” que narra. Este, ao desencadear a retrospectiva, não olha apenas para si e para aqueles que o cercam, mas, também, para um determinado contexto histórico. O que varia de escritor para escritor é a intensidade do enfoque social. No caso de Marcelo Rubens Paiva, o ponto de vista é extremamente crítico e banha-se na realidade de seu país.

Considerações finais

Em *Feliz ano velho*, percebemos que o autor é bem sucedido na empreitada de elaborar não somente uma escrita particular, que poderia restringir-se aos seus anseios e ao seu manifesto por justiça, diante do que ele considera um crime contra sua família. Ele vai além e segue a estratégia do narrador testemunhal, que, segundo John Beverley, “representa uma maneira diferente de articular uma identidade pessoal, estratégia que não implica, no caso de narradores de origem popular, na separação do grupo social do qual procedem” (Beverley: 1997, 136).³

³ É importante assinalar que John Beverley refere-se a um contexto diverso ao de Marcelo Rubens Paiva, já que aquele prioriza o que chama de “intelectual orgânico do grupo ou da classe subalterna, que fala a (e contra) a hegemonia, através dessa metonímia (história de vida individual como história de um grupo) em seu nome e em seu lugar” (Beverley: 1997, 136). Marcelo Rubens Paiva, distintamente, tem seu lócus de enunciação dentro do próprio grupo hegemônico; é um burguês posicionando-se criticamente sobre a sociedade burguesa. O caráter de narrador testemunhal dá-se pelo fato de o

No caso de Marcelo, não se trata propriamente de um narrador de origem popular, mas de um representante do que podemos classificar como geração dos filhos da resistência. Embora *Feliz ano velho* seja uma escrita de si, o autor não se furta ao debate acerca da sociedade brasileira. Mais do que isso, ele oferece o tribunal concatenado em sua autobiografia, para que até mesmo os leitores sintam-se representados enquanto vítimas dos anos de chumbo.

A composição e lançamento do livro acontecem em um período crucial para o Brasil: o início dos anos 1980. Conforme Silviano Santiago:

A transição deste século para o seu “fim” se define pelo luto dos que saem, apoiados pelos companheiros de luta e pela lembrança dos fatos políticos recentes e, ao mesmo tempo, pela audácia da nova geração que entra, arrombando a porta como impotentes e desmemoriados radicais da atualidade. Ao luto dos que saem opõe-se o vazio a ser povoado pelos atos e palavras dos que estão entrando (Santiago: 1998, 12).

Nesse contexto, Marcelo Rubens Paiva mantém-se no limiar, já que, embora represente a “nova geração”, tem seu olhar também voltado para o passado, como testemunha da perseguição política que atingiu seu pai. Aliás, Marcelo refuta a afirmação de Silviano Santiago, reforçando a tese de que sua autobiografia também se prestou à inquisição de nossa história recente:

brasileiro defender uma classe específica: a juventude dos anos 1970, insatisfeita com a realidade política do país.

Eu nunca me considerei desmemoriado, nem Renato Russo, nem Cazusa. Acho esta fala do Silvano Santiago cheia de imprecisões e fútil. Pra não falar preconceituosa. Estávamos rompendo barreiras, inclusive, literárias – apoiando-nos numa linguagem coloquial, numa cultura de valores urbanos e influenciada pela *mass media*.⁴

Como deixa claro o próprio autor, mesmo pertencendo a uma nova classe de intelectuais, comprometida com a construção da “Nova República”, ele não abandona as reflexões acerca do passado recente do país, influenciado, em grande parte, pelos acontecimentos que afetaram sua história pessoal.

Passados 30 anos do lançamento de *Feliz ano velho*, e quase três décadas do dismantelamento do regime militar, constata-se que a autobiografia de Paiva foi bem sucedida, tornando-se representativa de um período marcante, justamente por encontrar-se no limiar entre dois momentos paradigmáticos da história brasileira: o “adeus” ao regime totalitário e as “boas-vindas” à redemocratização. Este é o “entre-lugar” ocupado por *Feliz ano velho* na literatura brasileira, que permite sua longevidade e a consolidação do papel de documento de uma época.

⁴ Trecho de entrevista de Marcelo Rubens Paiva, concedida ao autor do presente artigo, em 2004, durante elaboração de sua dissertação de mestrado.

Referências

- APPELFELD, Aharon. *Histoire d'une vie*. Paris: Éditions de l'Olivier, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas*. I. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BEVERLEY, John. "Post-literatura: sujeto subalterno e impase de las humanidades". In: *Una modernidad obsoleta: estudios sobre el barroco*. Caracas: Fondo Editorial Alem, 1997, pp. 129-55.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud*. V. XVIII. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LEJEUNE, Philippe. *El pacto autobiográfico y outros estudos*. Tradução de Ana Torrent. Madri: Megazul-Endymion, 1994.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp, 1992.
- PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz ano velho*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SANTIAGO, Silviano. "Democratização no Brasil – 1979-1981 (Cultura versus Arte)". In: ANTERO, R. et al. (orgs). *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Abralic; Letras Contemporâneas, 1998.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. "Acatástrofe do cotidiano, a apocalíptica e a redentora: sobre Walter Benjamin e a escritura da memória". In: DUARTE, Rodrigo & FIGUEIREDO, Virginia (orgs.). *Mímesis e expressão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

- _____. “Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento”.
In: SELIGMAN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

